

O IMPACTO DA RESILIÊNCIA NO EMPREENDEDORISMO FEMININO

Pablo Marlon Medeiros da Silva

Doutor em Administração pela Universidade Potiguar
E-mail: pablo_marlon17@hotmail.com

Walid Abbas El-Aouar

Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: walidabbas@unp.br

Arthur William Pereira da Silva

Doutorando em Administração pela Universidade Potiguar
E-mail: arthurwilliamadm@hotmail.com

Ahram Brunni Cartaxo de Castro

Doutorando em Administração pela Universidade Potiguar
E-mail: brunni.castro@ifrn.edu.br

Juliana Carvalho de Sousa

Doutoranda em Administração pela Universidade Potiguar
E-mail: juli.cs1009@gmail.com

Deyseane Kelia Tavares Dantas

Mestranda em Administração pela Universidade Potiguar
E-mail: deyseanekeliatavares@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa explorar a relação entre a realidade empreendedora feminina com a resiliência humana. Por meio de uma pesquisa descritiva e explicativa e com abordagem quantitativa realizada com 183 mulheres microempreendedoras individuais de duas cidades do Rio Grande do Norte de diferentes ramos. Os resultados apontaram dificuldades enfrentadas pelas pesquisadas como a crise financeira do país, a concorrência, a inadimplência dos clientes, o problema em conciliar as atividades do negócio com questões familiares e pessoais, dentre outras. Apesar de apresentarem níveis consideráveis de resiliência (83%), esta não apresentou correlações significativas entre suas dimensões e as variáveis sociodemográficas estabelecidas nas hipóteses da pesquisa. O estudo traz contribuições importantes, fornecendo subsídio teórico para uma relação ainda pouco explorada, como também proporciona alguns resultados que contrariam o senso comum e pode instigar pesquisadores a conhecer e aprofundar estudos em outras realidades empreendedoras no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Resiliência. Empreendedorismo feminino. Realidade. Relação. Dificuldades.

THE IMPACT OF RESILIENCE IN FEMALE ENTREPRENEURSHIP

ABSTRACT

This article aims to explore the relationship between female entrepreneurial reality and human resilience. Through a descriptive and explanatory research with a quantitative approach performed with 183 female microentrepreneurs from two different cities of Rio Grande do Norte. The results pointed out difficulties faced by the respondents such as the country's financial crisis, competition, customer delinquency, the problem of reconciling business activities with family and personal issues, among others. Although they presented considerable levels of resilience (83%), it did not present significant correlations between their dimensions and the sociodemographic variables established in the hypothesis of the research. The study brings important contributions, providing theoretical support for a relationship that has not yet been explored, but also provides some results that run counter to common sense and can instigate researchers to know and deepen studies in other entrepreneurial realities in Brazil and in the world.

Keywords: Resilience. Female entrepreneurship. Reality.

1 INTRODUÇÃO

Cresce a cada ano o número de mulheres que tem buscado criar seu próprio negócio como forma de alavancar sua renda e serem mais independentes. De acordo com um levantamento feito pela *Global Entrepreneurship Monitor* [GEM] (2017) no ano de 2016, as mulheres chegaram ao patamar de 51,5% da Taxa Total de Empreendedores iniciais, números que mostram o grande fortalecimento do empreendedorismo feminino no país na atualidade. Esses resultados podem ser explicados, conforme Villas Boas (2010), pela alta capacidade de persuasão, preocupação com clientes, habilidade intuitiva, sensibilidade, criatividade, senso de organização, justiça e paciência são atributos que fazem a gestão empreendedora feminina ter um estilo diferenciado em relação aos homens.

Paradoxalmente, Cruz e Moraes (2013) salientam que, embora mulheres empreendedoras possam ter uma série de atributos positivos no que tange ao enfrentamento dos negócios, muitas dessas características podem desaparecer em condições adversas e pressões extremas. A resiliência humana surge então como um fenômeno que pode atuar na

mitigação desses impactos, fazendo com que esse grupo seja capaz de lidar melhor com as circunstâncias negativas e saírem fortalecidas e mais preparadas para a continuidade de suas atividades empreendedoras cotidianas.

Este artigo visa explorar a relação entre a realidade empreendedora feminina com a resiliência humana. É de interesse dos pesquisadores conhecer as nuances referentes às mulheres que decidem criar um novo negócio e como elas se utilizam da resiliência para lidar com os desafios enfrentados no dia a dia. Essa pesquisa se mostra relevante devido ao número crescente de microempreendedoras individuais no Brasil, objeto desse estudo, e à importância do empreendedorismo feminino para a economia, gerando emprego, renda, fortalecendo o poder de compra, reduzindo custos, dentre outros fatores.

Além disso, reconhece-se também o fortalecimento do gênero feminino no cenário empreendedor brasileiro, representando um grande avanço na luta desse grupo na conquista de papéis importantes dentro da sociedade. Portanto, é importante conhecer as características das mulheres que iniciam novos negócios, suas motivações para fazê-lo, seus níveis de desempenho (RAMOS et al., 2014), as dificuldades mais enfrentadas por elas e como a resiliência pode agir para amenizar essas adversidades no seu cotidiano.

O artigo se propõe a fornecer subsídio teórico e empírico sobre o papel da resiliência na vida das mulheres empreendedoras, contribuindo assim para um maior interesse em pesquisas sobre o assunto. Do ponto de vista prático, este estudo pretende fornecer informações que possam reforçar o interesse na necessidade de aumentar-se os investimentos em capacitações empreendedoras para o público envolvido na pesquisa, como também proporcionará a esse e outros grupos maiores conhecimentos sobre a resiliência e como essa pode atuar na amenização das adversidades enfrentadas no dia a dia de suas atividades empreendedoras.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EMPREENDEDORISMO FEMININO

O empreendedorismo proporcionou um significado ascendente na criação de novos negócios, bens, serviços, empregos, na avaliação do desenvolvimento econômico e nas

mudanças sociais (BULLOUGH; RENKO, 2013; HEILBRUNN; ABU-ASBEH; NASRA, 2014). Para Schumpeter (1997), o empreendedor é aquele que realiza coisas novas, utilizando o talento para aproveitar oportunidades. Neste processo ele se depara com o risco, assumindo-o. Humbert e Brindley (2015) corroboram com esse pensamento mostrando o empreendedor como aquele que tomou grandes riscos pessoais e financeiros, criou um negócio e tem geralmente mostrado alguma inovação em sua maneira de fazê-lo. Bolton (1997) os complementa afirmando que é aquele que enxergou oportunidades não percebidas por outras pessoas, transformando-as em uma realidade prática.

Entre as abordagens dentro do universo de pesquisa nessa temática está o empreendedorismo feminino. Considerado antes como um setor dominado por homens (RAMADANI, 2015), hoje, reconhece-se que as mulheres exercem um papel essencial no processo de crescimento de um país e que a sua participação pode fortalecer a diversidade dos agentes econômicos em relação à motivação e reconhecimento de oportunidade que são importantes para a aceleração econômica (MICOZZI; LUCARELLI, 2016).

Notavelmente, durante o último meio século, a presença de mulheres em atividades de geração de renda foi assistida em múltiplos setores, conseqüentemente, os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento estão tentando tomar medidas concretas para maximizar as atividades empresariais das mulheres (ISMAIL et al., 2012). Entre outras razões que fazem com que uma mulher crie o seu próprio negócio, a literatura aponta a vocação ou percepção de oportunidades (BOCHNIARZ, 2000), desejo de obter estabilidade financeira, independência, realização pessoal, paixão pelo que faz (SARFARAZ et al., 2014); outras já envolvem circunstâncias negativas como desemprego, ganhos familiares insuficientes, crise econômica, insatisfação com o trabalho existente, a preocupação de manter o equilíbrio entre o trabalho e a família (NASER et al, 2012; SARFARAZ et al., 2014) e a dificuldade de acesso a escalões superiores dentro das empresas (MACHADO et al., 2003).

Muitas pesquisas tem buscado identificar fatores específicos que afetam o empreendedorismo feminino (CABRERA; MAURICIO, 2017), apontando como obstáculos o preconceito (GEM, 2017), a discriminação (FERNANDES; MOTA-RIBEIRO, 2017), a falta de reconhecimento de seus atributos individuais como empreendedoras (HUMBERT; BRINDLEY, 2015), a falta de acesso a recursos financeiros (WU, 2012), a dificuldade em encontrar trabalho qualificado, o baixo lucro, o conflito entre trabalho e família (HASAN;

ALMUBARAK, 2016), especialmente quando essas mulheres possuem filhos ainda pequenos (MATHEW, 2010); a pouca qualificação pessoal, como também uma reduzida experiência no segmento de atuação (DOLINSKY; CAPUTO, 2003; ROOMI et al., 2009) e a crise financeira que traz como consequência a queda na confiança do empreendedor, aumento de demissões, falta de crédito por parte do governo que gera redução no número de investimentos e contratação de pessoas (BULLOUGH; RENKO, 2013).

Em uma pesquisa feita com uma população representativa de 17 países, Koellinger, Minnit e Schade (2013) revelaram que houve redução do empreendedorismo feminino em relação aos homens, causada pela menor propensão das mulheres a iniciar negócios, por uma menor confiança em suas habilidades empresariais, e pelo maior medo do fracasso. Embora no Brasil o número de mulheres empreendedoras esteja em ascensão, as adversidades enfrentadas no dia a dia podem levá-las a reduzir esse crescimento e suas chances de sucesso nos negócios. Welsh et al. (2014) salienta que é importante haver apoio familiar, busca por mais conhecimento e experiência, entre outros fatores, que podem gerar mais segurança para um melhor gerenciamento de suas atividades.

E SUA RELAÇÃO COM O EMPREENDEDORISMO

Resiliência é um termo complexo que pode abranger muitos conceitos. No entanto, normalmente ela é entendida como a capacidade de as pessoas enfrentarem e superarem rapidamente as condições adversas (NIRUPAMA; POPPER; QUIRKE, 2015). Em concordância, Manyena e Gordon (2015) mostram que é a habilidade que um indivíduo possui para lidar positivamente com choques de realidade, que podem envolver também fontes prolongadas de estresse.

Alguns autores que lidam com essa temática não consideram a resiliência humana uma qualidade inata, ou seja, o ser humano não nasce resiliente. Para Noltemeyer e Bush (2013), trata-se de uma característica da sua personalidade que pode ser desenvolvida nas fases de formação psíquica e/ou durante o ciclo da vida, na sua interação com o ambiente social no qual está inserido. O indivíduo resiliente, portanto, desenvolve padrões desejáveis de comportamento adaptativo, muitas vezes encontrados através de estímulos sociais positivos, como por exemplo o apoio emocional de pessoas mais próximas, aprendizagem com experiências do passado, entre outras (MINELLO, 2010), que lhes permite enfrentar as

situações adversas em que estão presentes circunstâncias estressores com elevado potencial de ameaça à saúde psíquica.

Na área do empreendedorismo, a resiliência tem se tornado uma área crescente de pesquisas que interessa aos decisores políticos, organizações, profissionais e pesquisadores (McNAUGHTON; GRAY, 2017). Isso porque a busca pela geração de valor pelas atividades empreendedoras, através da criação ou expansão da atividade econômica, pela identificação e exploração de novos produtos, processos ou mercados, está muitas vezes associada a estresse elevado, multiplicidade de obstáculos e alta incerteza quanto aos resultados (MANZANO-GARCÍA; CALVO, 2013). Mas o que fazer para uma pessoa lidar com mais sucesso diante de eventos e circunstâncias adversas inesperadas? A resiliência tem sido uma das ferramentas usadas para descrever características de indivíduos que são capazes de responder e se recuperar mais rapidamente das dificuldades enfrentadas em suas atividades empreendedoras.

Em uma pesquisa feita por Cruz e Moraes (2013), a resiliência mostrou-se como característica essencial para os empreendedores vencerem os obstáculos e terem sucesso na manutenção dos seus empreendimentos, bem como permitiu que aprendessem com os erros e equívocos da gestão, profissionalizando-se cada vez mais. Apesar de essa e outras descobertas acerca da importância da resiliência na vida dos indivíduos empreendedores, a pesquisa nacional sobre essa relação é muito escassa. Alguns autores atribuem esse fator à descrença de que há uma efetiva relação entre resiliência e empreendedorismo (CRUZ; MORAES, 2013; GROTBORG, 2005), principalmente para segmentos de negócios ainda em fase de consolidação ou mesmo para pequenos empreendedores que iniciam um negócio sem conhecimento e/ou capital. Porém, Bullough e Renko (2013) afirmam que, sem a resiliência, esses indivíduos seriam menos capazes de engajar-se nos comportamentos empreendedores indispensáveis para iniciar negócios ou buscar novas atividades. Além disso, não conseguiriam facilmente agir e perpetuar reações cautelosas diante das adversidades enfrentadas.

Com base na teoria abordada, este estudo propôs as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: existe uma relação significativa entre Autossuficiência e: (a) tempo de serviço; (b) idade; (c) faturamento médio mensal; (d) religiosidade; (e) motivação para o negócio; (f) ramo de atividade; e (g) escolaridade.

Hipótese 2: existe uma relação significativa entre Sentido de vida e: (a) tempo de serviço; (b) idade; (c) faturamento médio mensal; (d) religiosidade; (e) motivação para o negócio; (f) ramo de atividade; (g) escolaridade.

Hipótese 3: existe uma relação significativa entre Equanimidade e: (a) tempo de serviço; (b) idade; (c) faturamento médio mensal; (d) religiosidade; (e) motivação para o negócio; (f) ramo de atividade; (g) escolaridade.

Hipótese 4: existe uma relação significativa entre Perseverança e: (a) tempo de serviço; (b) idade; (c) faturamento médio mensal; (d) religiosidade; (e) motivação para o negócio; (f) ramo de atividade; (g) escolaridade.

Hipótese 5: existe uma relação significativa entre Singularidade Existencial e: (a) tempo de serviço; (b) idade; (c) faturamento médio mensal; (d) religiosidade; (e) motivação para o negócio; (f) ramo de atividade; e (g) escolaridade.

Como os empreendedores enfrentam obstáculos repetidos com muitos resultados incertos, a resiliência ou a capacidade de resistir e superar rapidamente a adversidade tem se mostrado uma boa investida (MANZANO-GARCÍA; CALVO, 2013). De acordo com Jonathan (2001), conseguir equilibrar obrigações ligadas aos espaços profissional, familiar e pessoal é um dos grandes desafios das empreendedoras brasileiras. Ao perceberem, por exemplo, que trabalho e família se ajudam e se beneficiam mutuamente, as empreendedoras parecem encontrar um dos caminhos para sustentar tal equilíbrio e obter satisfação. O estudo da resiliência, portanto, procura entender porquê alguns indivíduos são capazes de suportar - ou mesmo prosperar - diante de pressão que experimentam em suas vidas (FLETCHER; SARKAR (2013).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto à tipologia, a pesquisa enquadra-se como descritiva e explicativa (VERGARA, 2013). Descritiva porque apresenta a distribuição demográfica dos respondentes e do seu estado no que se refere à resiliência; e explicativa porque visa analisar quais variáveis influenciaram em determinado fenômeno. Assumindo um caráter descritivo e explicativo, o estudo adota a abordagem quantitativa.

O universo da pesquisa abrangeu mulheres microempreendedoras individuais de duas cidades do Rio Grande do Norte, Mossoró e Natal, escolhidas por serem as duas maiores do estado, sendo a segunda sua capital, atuando em diferentes áreas como artesanato, confeitaria, comércio de produtos e serviços diversos, cuidados com a beleza, dentre outros. Por tratar-se de um universo desconhecido, a amostra foi calculada com base na fórmula da primeira aproximação apresentada por Barbetta (2004):

$$n_0 = \frac{1}{E^2}$$

Sendo:

- n_0 = primeira aproximação do tamanho da amostra;
- E = erro amostral tolerável

Dada a natureza da pesquisa, foi admitido um erro amostral (E) de 10%, 0,10. Neste caso, utilizando-se a fórmula de primeira aproximação da amostra, seria necessária a aplicação de uma quantidade mínima de 100 questionários. Para fins dessa pesquisa, foram obtidos 183 questionários respondidos.

O questionário de pesquisa foi composto por dois módulos. O primeiro objetivou levantar informações para caracterização dos respondentes. Já o segundo módulo contemplou questões abertas e fechadas referentes à resiliência humana, composto pela escala de Wagnild e Young em 1993, traduzida e adaptada por Pesce (2005) e validada por Bacchi e Pinheiro (2011) no Brasil. Contudo, o estudo para desenvolvimento desta escala teve início em 1987 com uma pesquisa realizada com mulheres americanas que superaram o período de stress que passaram em suas vidas.

Como resultados desse estudo, identificou-se a existência de cinco fatores: 1) autossuficiência: refere-se à crença de que o sujeito possui nele próprio, acreditando que possui potencial, além de saber identificar seus limites; 2) sentido de vida: envolve a percepção de que a vida possui sentido, propósito; 3) equanimidade: está relacionado com a capacidade de o indivíduo ser flexível, moderado com os acontecimentos da vida; 4) perseverança: envolve a capacidade de o indivíduo seguir em frente, não desmotivar-se frente às adversidades; 5) singularidade existencial: sentimento de unicidade, por isso, as experiências devem ser encaradas por cada um, favorecendo o sentimento de ser único e livre (PERIM et al., 2015).

A Escala de Resiliência é composta por 25 itens, distribuídos em seus respectivos fatores da seguinte forma: Autossuficiência (itens 02, 09, 13, 18 e 23); Sentido de Vida (itens 04, 06, 11, 15 e 21); Equanimidade (itens 07, 12, 16, 19 e 22); Perseverança (itens 01, 10, 14, 20 e 24) e Singularidade Existencial (itens 03, 05, 08, 17 e 25) (PERIM et al., 2015). Ressalta-se que as escalas foram enquadradas no modelo Likert, com pontuação variando de 1 a 5, considerando a seguinte descrição: 1 = discordo totalmente, 2 = discordo pouco, 3 = não tenho opinião a respeito, 4 = concordo pouco, e 5 = concordo totalmente. Utilizou-se também de questões abertas visando identificar os motivos que as levaram a criar um novo negócio, quais as principais dificuldades enfrentadas e que razões as faziam seguir em frente.

A coleta de dados foi realizada nos meses de maio e junho de 2017, na qual os pesquisadores consultaram o SEBRAE e as redes sociais a fim de captarem mulheres que fossem cadastradas como microempendedoras individuais e tivessem atuando no mercado. Depois de identificadas, elas foram convidadas por telefone, e-mail ou via rede social a participarem da pesquisa por meio do *link* do questionário disponibilizado a cada uma. 183 das mulheres convidadas responderam o instrumento de forma *online*. Esse método é caracterizado por Mattar (2008) como um questionário auto preenchido, em que o pesquisado lê o instrumento e o responde diretamente sem a intervenção do pesquisador.

A análise dos dados se deu por meio do programa SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 21.0 – fazendo-se o uso de módulos de Estatística Descritiva, da Matriz de Correlação de Spearman e Regressão Linear Múltipla. A estatística descritiva foi utilizada para apuração da frequência de respostas às questões formuladas – dados demográficos e percepção dos respondentes. Já o coeficiente de correlação de Spearman foi empregado para analisar a relação entre a resiliência humana e as variáveis sociodemográficas propostas no artigo. Como parâmetros, coeficientes de correlação com $\rho > 0,7$ implica forte relação de magnitude; se $0,4 < \rho < 0,7$, implica moderada relação de magnitude; e se $\rho < 0,4$ implica fraca relação de magnitude. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$). Para as questões abertas adotou-se a análise de conteúdo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS RESPONDENTES

No que tange à amostra do estudo, constatou-se que 53% das pesquisadas residem na cidade de Mossoró e 47% de Natal. 7,1% das respondentes possuem até vinte anos, 14,2% de vinte um a vinte e cinco anos, 28,4% de vinte e seis a trinta anos, 13,7% de trinta e um a trinta e cinco anos, 15,3% de trinta e seis a quarenta anos, e 21,3% acima de quarenta anos. Tratando-se do estado civil, a maior parte das microempendedoras é casada ou possui união estável, já as solteiras perpassam os 31,1% da amostra, seguidas por divorciadas (8,7%), outros tipos de relacionamento (1,1%) e viúvas (0,5%).

No que se refere à escolaridade, 12% da amostra possui nível fundamental, 53,6% nível médio, 27,3% nível superior, e somente 7,1% tem alguma especialização. A maior parte das respondentes possui filhos (63,4%), não reside com os pais (68,3%), é religiosa (87,4%), sendo em sua maioria católicas (41%), seguida de evangélicas (39,9%) e outras religiões (6,6%). O número de mulheres sem religião constituiu 12,6% da amostra.

Em termos de renda média mensal, houve destaque para aquelas que faturam de mil e um a dois mil reais (33,3%). O segundo grupo predominante foi das mulheres que ganham até mil reais. Para as rendas acima de dois mil reais percebeu-se a redução do percentual de microempendedoras individuais nesses grupos (20,2%, 8,2% e 6,6% para rendas de 2 mil e um a três mil reais, três mil e um a quatro mil reais e quatro mil e um a cinco mil reais, respectivamente).

4.2 REALIDADE DAS MICROEMPREENDEDORAS INDIVIDUAIS

Tratando-se da realidade empreendedora feminina das cidades potiguares estudadas, constatou-se que a amostra está dividida nos seguintes ramos de atividade: 12,6% trabalham no ramo de artesanato, 16,9% no de cabeleireiras e outros serviços destinados ao cuidado com a beleza, 42,6% envolvem-se na comercialização de produtos e serviços diversos, 9,3% são confeitadeiras e 18,6% afirmaram participar de outras atividades.

Quanto à motivação para a criação de seu negócio, 61,7% afirmaram ter sido por oportunidade ou vocação; já 27,3% responderam que foi por necessidade, e 10,9% por outro motivo não especificado. Esses resultados sugerem que mesmo em meio a uma crise econômica nacional, em que muitas pessoas perderam seu emprego, a maioria das mulheres

abriu seu negócio por vislumbrar uma oportunidade, e não meramente por uma falta ou desejo de completar sua renda e pode ser considerado como um bom resultado, de acordo com o GEM (2017). Dentre os motivos que fizeram com que as microempreendedoras individuais pesquisadas iniciassem um novo negócio, destacam-se a necessidade de ter uma renda melhor, maior independência financeira, o amor pelo empreendedorismo, a realização de um sonho, o desemprego, dificuldade financeira, paixão pelo que faz, o desemprego, a insatisfação com empresas em que trabalhou, ter seu próprio negócio, flexibilidade, e oportunidades de crescimento, corroborando com os achados de Ismail et al. (2012), Bochniarz (2000), Sarfaraz et al. (2014), Naser et al. (2012) e Machado et al. (2003).

Em relação ao tempo de mercado como microempreendedora individual, 19,7 % das mulheres afirmaram possuir até um ano de atividade, enquanto que 33,9% possuem de dois a quatro anos, 18% de cinco a sete anos, 13,7% de oito a dez anos e 14,8% mais de dez anos de atividade. Esses dados revelam uma predominância de mais de 50% na taxa de criação de novos negócios entre mulheres com até 4 anos de atividade empreendedora, mas que vai se afunilando à medida que esse tempo de mercado aumenta. Esses números corroboram com o levantamento do GEM (2017) que mostrou que embora o empreendedorismo feminino esteja crescendo em geração de novos negócios, este está enfrentando dificuldades para prosperar.

Às adversidades enfrentadas pelas microempreendedoras estudadas apontadas foram a crise financeira do país; a concorrência; a inadimplência dos clientes; dificuldade de obter capital como também a confiança dos fornecedores; o problema em conciliar as atividades do negócio com questões familiares e pessoais; complicação em fidelizar clientes; o preconceito por ser mulher e não ser vista como alguém que pode gerir um negócio com sucesso; a falta de clientela, má gestão e a insegurança com as cidades onde moram.

Como consequências, a literatura explica que esses motivos podem influenciar diretamente na confiança da microempreendedora potiguar, aumentando as possibilidades de desistência do negócio, como também pode levar a aumentos nas demissões, redução de investimentos e contratações, a sentir-se menos confiantes em suas habilidades empreendedoras e maior medo do fracasso (KOELLINGER, MINNIT E SCHADE, 2013; BULLOUGH; RENKO, 2013; CABRERA; MAURICIO, 2017; GEM, 2017; FERNANDES; MOTA-RIBEIRO, 2017; HUMBERT; BRINDLEY, 2015; HASAN; ALMUBARAK, 2016; MATHEW, 2010; WU, 2012; DOLINSKY; CAPUTO, 2003; ROOMI et al., 2009).

Mesmo enfrentando diversas dificuldades no ramo do empreendedorismo, quando questionadas sobre quais as principais razões as faziam seguir em frente em seu negócio, as mulheres estudadas elencaram o amor ao trabalho, o incentivo de familiares e clientes, a sua vocação no que faz, o foco, o reconhecimento dos outros, a necessidade de continuar, persistência, os compromissos financeiros, a paixão por sua atividade, a satisfação dos seus clientes, fé em Deus e em si mesma, vontade de crescer, força de vontade, projeção e estabilidade.

Pode-se perceber que a ajuda dos amigos, clientes e familiares é indispensável para prosperar em um mercado adverso, conforme salienta Welsh et al. (2014). Nota-se também que muitos traços apresentados permitem sugerir a existência ou a busca pela resiliência humana como diferencial para conseguir equilibrar os desafios ligados aos seus empreendimentos, pois, conforme afirmam Manzano-García e Calvo, 2013, a resiliência tem se mostrado uma boa investida para aqueles que enfrentam obstáculos repetidos com muitos resultados incertos e desejam resistir e superar rapidamente essas dificuldades.

4.2 NÍVEIS DE RESILIÊNCIA

Os níveis de resiliência humana dos respondentes estão demonstrados no Gráfico 1, abaixo. Cabe lembrar, que a escala de aferição adotada varia de 1 a 5, sendo 5 o maior nível de resiliência possível.

Gráfico 1– Níveis de resiliência dos respondentes



Fonte: elaborada pelos autores (2017).

Tomando-se por base o que registraram os respondentes, constatou-se que 59% deles apresentam altos níveis de resiliência, seguidos daqueles com níveis moderados (24%). Portanto, 83% dos pesquisados apresentam-se como indivíduos resilientes, ou seja, pessoas com capacidades de superar e enfrentar adversidades.

4.3 REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA

A regressão múltipla é um método de análise apropriado quando a questão de pesquisa envolve uma única variável dependente relacionada a duas ou mais variáveis independentes (HAIR et al., 2009).

A regressão linear torna possível conhecer o poder de explicação do modelo, juntamente com o coeficiente de correlação. Para efeito desta pesquisa, a percepção dos respondentes acerca do nível de resiliência foi considerada como variável dependente e os construtos constituintes da resiliência como variáveis preditoras. Os resultados obtidos dessa análise podem ser apreciados a partir da Tabela 1.

Tabela 1 – Poder de explicação do modelo escolhido para resiliência

Modelo	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	0,439	0,193	0,170	1,20233	1,895

Fonte: elaborado pelos autores (2017).

Segundo Corrar, Paulo e Dias Filho (2007) para avaliar a validade do modelo deve-se considerar o coeficiente de correlação e o coeficiente de determinação, ou R² ajustado. O coeficiente de correlação (R) pode variar de 1 a -1 e possui o objetivo de medir o quanto as variáveis estão associadas. Já o R² ajustado busca avaliar o poder de explicação de uma variável para a outra.

No que diz respeito a esta pesquisa, o coeficiente de correlação mediu 0,439, com poder explicativo de 0,170, ou seja, 17% da variação na percepção das dimensões que compõe a resiliência humana podem ser explicadas pela variação do nível de resiliência. Essa correlação pode ser considerada pouco expressiva, o que significa dizer que não há uma relação de dependência.

A Tabela 2 ilustra que o modelo foi considerado adequado através do teste F de *Snedecor*.

Tabela 2 – Teste F de Snedecor

Modelo	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig
Regressão	61,145	5	12,229	8,459	,000
Residual	255,871	177	1,446		
Total	317,016	182			

Fonte: elaborado pelos autores (2017).

Observa-se na Tabela acima que os valores foram significativos, considerando que o valor de Sig foi inferior a 0,05. Os resultados acerca do modelo resultante da regressão estão ilustrados na Tabela 3.

Tabela 3 – Modelos resultantes da regressão.

Modelo	Coeficientes padronizados		não padronizados Beta	T	Sig
	B	Std. Error			
(Constant)	8,148	,089		91,670	,000
Autossuficiência	0,133	,089	,101	1,490	,138
Sentido de vida	0,315	,089	-,239	3,538	,001
Equanimidade	0,362	,089	,274	4,062	,000
Perseverança	0,009	,089	,007	0,106	,916
Singularidade	0,296	,089	,225	3,325	,001

Existencial

Fonte: elaborada pela autora.

Os fatores 2, 3 e 5 foram considerados significativos indicando que são importantes para explicar o nível de resiliência dos empreendedores. Além disso, ressalte-se que, com relação as dimensões, os sinais estão coerentemente alinhados ao suporte teórico, contudo, apenas para a dimensão sentido de vida, o sinal negativo de Beta indica uma relação negativa entre o construto e os níveis de resiliência, significando que quanto maior for o sentimento de sentido de vida menor será a resiliência. Este resultado não está alinhado com o que a literatura propõe, cabendo a realização de estudos aprofundados que expliquem esse achado da pesquisa.

4.3 CORRELAÇÃO DE SPEARMAN

Quanto à verificação da existência de relações entre variáveis sociodemográficas e as dimensões da resiliência humana, apresentou-se os seguintes resultados:

Quadro 5 – Matriz de correlação de Spearman

Variáveis sócio-demográficas	Dimensões da Resiliência Humana				
	Autossuficiência	Sentido de vida	Equanimidade	Perseverança	Singularidade Existencial
Tempo de atuação no mercado	-,010	-,029	,002	,061	,029
Idade	,043	,055	-,038	,046	,145*
Estado civil	,036	,026	,000	-,029	,025
Escolaridade	,074	-,005	-,010	-,001	-,213**
Faturamento médio mensal	,041	,014	,111	,089	-,100
Possui religião	-,095	-,152*	,005	,036	,025
Motivação para o negócio	-,096	,015	,073	-,001	,050

*Correlação significativa, com um nível de significância de 0,01

**Correlação significativa, com um nível de significância de 0,05

Fonte: elaborado pelos autores (2017).

Por meio da matriz de correlações de Spearman verificou-se que de 35 relações, apenas três apresentaram associação, embora de fraca magnitude ($\rho < 0,4$) entre variáveis sociodemográficas e as dimensões da resiliência humana, sendo que a variável “idade” apresentou correlação positiva com a dimensão “singularidade existencial” e “escolaridade” (,145) e “possui religião” apresentaram relação negativa quanto às dimensões “singularidade existencial” (-,213) e “sentido de vida” (-,152). Desta forma, é possível compreender que, de maneira geral, as variáveis sociodemográficas não influenciaram no nível de resiliência das microempendedoras individuais da pesquisa, ou seja, o grau de resiliência que esse público possui é explicada por outros aspectos subjetivos.

Apesar de pesquisas mostrarem a resiliência como fator essencial para os empreendedores vencerem os obstáculos e terem sucesso na manutenção dos seus empreendimentos (CRUZ; MORAES, 2013), e o nível de resiliência humana das mulheres pesquisadas ser de 83%, esse fenômeno não apresentou correlação significativa entre as variáveis sociodemográficas estabelecidas no estudo. Consequentemente, constatou-se que a maioria das hipóteses estabelecidas no estudo foram rejeitadas, excetuando-se baixas correlações em H₂ (d) e H₅ (b) e (g) que pouco puderam explicar as relações existentes entre as variáveis com as dimensões descritas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visou explorar a relação entre a realidade empreendedora feminina com a resiliência humana. A realidade empreendedora das duas cidades potiguares estudadas confirmou as pesquisas do GEM apontando a predominância pelo empreendimento por oportunidade ou vocação entre as microempendedoras individuais pesquisadas, algo que pôde ser constatado a partir das descrições de suas motivações para iniciar um novo negócio, que incluiu como razões a paixão, o amor pelo que faz, a vontade de crescer dentro do ramo que gosta de atuar, dentre outras. Porém, muitos são os desafios e dificuldades enfrentados por esse grupo, que pode em um curto espaço de tempo influenciá-las a desistir do empreendimento. Prova disso é a redução no número de mulheres a partir de cinco anos de exercício na atividade.

Em relação à resiliência humana, por meio do suporte teórico, viu-se que a resiliência pode desempenhar um papel importante na motivação de mulheres que enfrentam adversidades em suas atividades empreendedoras mas que querem seguir em frente em seus negócios. Os resultados mostraram um nível de resiliência considerado bom entre as mulheres (83%), o que pode explicar o porquê muitas delas conseguem perseverar em meio às adversidades enfrentadas no dia a dia.

Entretanto, ao testar-se as hipóteses estabelecidas no estudo, percebeu-se que não houve associação significativa entre as variáveis sociodemográficas e as dimensões da resiliência humana, fato comprovado por meio da correlação de Spearman. Embora esse grupo provavelmente seja resiliente em sua maioria, o fenômeno não pôde ser mensurado em termos de variáveis como idade, tempo de atuação no mercado, escolaridade, religião, renda média mensal, dentre outros. Esse resultado provavelmente se deu por envolver outras percepções subjetivas que, uma vez aceitas, diminuem ou fazem desaparecer a ligação do fenômeno com as variáveis instituídas no estudo.

O artigo traz contribuições importantes mostrando uma realidade empreendedora específica de um estado do Nordeste brasileiro. Mostra que o empreendedorismo feminino vem ganhando seu espaço na sociedade, lutando por oportunidades ou tentando vencer as necessidades; fornece subsídio teórico para uma relação ainda pouco explorada, como também apresenta alguns resultados que contrariam o senso comum e pode instigar pesquisadores a conhecer e aprofundar estudos em outras realidades empreendedoras no Brasil e no mundo, a fim de corroborar com os achados do estudo ou trazer novas contribuições para o conhecimento teórico e empírico.

REFERÊNCIAS

BACCHI, G. A.; PINHEIRO, D. R. C. Entre o Tripalium e a Resiliência: Um Estudo Sobre a Correlação Entre o Assédio Moral no Trabalho e a Resiliência. In: Encontro de gestão de pessoas e relações de trabalho, 2011, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: EGPRT, 2011.

BOCHNIARZ, H. Theses to the discussion at the conference “women entrepreneurs in SMES”. In: **CONFERENCE WOMEN ENTREPRENEURS IN SMES**, 2000, Paris. Paris: OECD, 2000.

BOLTON, W. **The university on enterprise development**. Paris: Columbus, 1997.

BULLOUGH, A.; RENKO, M. Entrepreneurial resilience during challenging times. **Business Horizons**, v.56, n.3, may–June, p.343-350, 2013.

CABRERA, E. M.; MAURICIO, D. Factors affecting the success of women's entrepreneurship: a review of literature. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 9, n.1, p.31-65, 2017.

CORRAR, L.; PAULO, E.; DIAS FILHO, J. **Análise multivariada para os cursos de administração, ciências contábeis e economia**. São Paulo: Atlas, 2007.

CRUZ, M. T. S.; MORAES, I. M. M. EMPREENDEDORISMO E RESILIÊNCIA: mapeamento das competências técnicas e comportamentais exigidas na atualidade. **Revista Pensamento & Realidade**, São Paulo, v.28, n.2, abr-jun, 2013.

DOLINSKY, A. L.; CAPUTO, R. K. Health and female self-employment. **Journal of Small Business Management**, 41, 3, p. 233 – 241, 2003.

FERNANDES, E.; MOTA-RIBEIRO, S. “Respect” and “self-determination” women entrepreneurs' identities and entrepreneurial discourses. **Gender in Management: An International Journal**, v. 32, n.1, p.66-80, 2017.

FLETCHER, D.; SARKAR, M. Psychological resilience: A review and critique of definitions, concepts and theory. **European Psychologist**, v.18, n.1, p.12-23, 2013.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil: 2016**. Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores. Curitiba: IBQP, 2017.

GROTBERG, E. H. **Introdução: novas tendências em resiliência**. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2005.

HAIR, J. F., ANDERSON, R. E., TATHAM, R. L., BLACK, W. C. **Análise multivariada de dados**. São Paulo: Bookman, 2009.

HASAN, F. S. MA. A.; ALMUBARAK, M. M. S. Factors influencing women entrepreneurs' performance in SMEs. **World Journal of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development**, v.12, n.2, p.82-101, 2016.

HEILBRUNN, S.; ABU-ASBEH, K.; NASRA, M. A. Difficulties facing women entrepreneurs in Israel: a social stratification approach. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v.6, n.2, p.142-162, 2014.

- HUMBERT, A. L.; BRINDLEY, C. Challenging the concept of risk in relation to women's entrepreneurship. *Gender in Management: An International Journal*, v.30, n.1, p. 2-25, 2015.
- ISMAIL, H. C.; SHAMSUDIN, F. M.; CHOWDHURY, M. S. An exploratory study of motivational factors on women entrepreneurship venturing in **Malaysia**. *Business and Economic Research*, v. 2, n.1, p.1-13, 2012.
- JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: quebrando alguns tabus. Em III Encontro Nacional de Empreendedorismo(ENEMPRES). **Anais do Encontro**. Florianópolis: USFC (CD-ROM), 2001.
- KOELLINGER, P.; MINNITI, M.; SCHADE, C. Gender differences in entrepreneurial propensity. *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*, v.75, n.2, p. 213-234, 2013.
- MACHADO, H. V., et al. O processo de criação de empresas por mulheres. *RAE Eletrônica*, v.2, n.2, p.1-22, 2003.
- MANZANO-GARCÍA, G.; CALVO, J. C. A. Psychometric properties of Connor-Davidson Resilience Scale in a Spanish sample of entrepreneurs. *Psicothema*, v. 25, n. 2, p-245-251, 2013.
- MANYENA, S. B.; GORDON, S. Bridging the concepts of resilience, fragility and stabilization. *Disaster Prevention and Management*, v.24, n.1, p.38-52, 2015.
- MATHEW, V. Women entrepreneurship in Middle East: understanding barriers and use of ICT for entrepreneurship development. *International Entrepreneurship and Management Journal*, v.6, n.2, p.163-181, 2010.
- MATTAR, N. F. **Pesquisa de marketing**. 4. ed. Edição Compacta. São Paulo: Atlas, 2008.
- McNAUGHTON, R. B.; GRAY, B. Entrepreneurship and resilient communities – introduction to the special issue. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, v.1, n.1, p.2-19, 2017.
- MICOZZI, A.; LUCARELLI, C. Heterogeneity in entrepreneurial intent: the role of gender across countries. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, v.8, n.2, p.173-194, 2016.
- MINELLO, I. F. **Resiliência e insucesso empresarial: um estudo exploratório sobre o comportamento resiliente e os estilos de enfrentamento do empreendedor em situações de insucesso empresarial, especificamente em casos de descontinuidade do negócio**. Tese de Doutorado – Faculdade de Economia, Contabilidade e Administração. 321f. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

NASER, K.; NUSEIBEH, R.; AL-HUSSAINI, A. Personal and external factors effect on women entrepreneurs: evidence from Kuwait. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v.17, n.2, p.1-23, 2012.

NIRUPAMA, N.; POPPER, T.; QUIRKE, A. Role of social resilience in mitigating disasters. **International Journal of Disaster Resilience in the Built Environment**, v.6, n.3, p.363-377, 2015.

NOLTEMEYER, A. L.; BUSH, K. R. Adversity and resilience: A of international research. **School Psychology International**, v. 34, n. 5, p. 474-487, 2013.

PERIM, P. C., et al. Análise fatorial confirmatória da versão brasileira da escala de resiliência (er-brasil). **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, n. 3, 2015, p. 373-384.

PESCE, R. P. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 436-448, 2005.

RAMADANI, V. The woman entrepreneur in Albania: an exploratory study on motivation, problems and success factors. **Journal of Balkan & Near Eastern Studies**, v.17, n.2, p.204-221, junho, 2015.

RAMOS, L. MALDONADO, E.; HERNÁNDEZ, E. Comparison of women entrepreneurs profiles in Coahuila, Mexico and San Juan, Puerto Rico. **Global Conference on Business and Finance Proceedings**, v.9, n 2, p. 190-200, 2014.

ROOMI, M. A., HARRISON, P.; BEAUMONTKERRIDGE, J. Women-owned small and medium enterprises in England analysis of factors influencing the growth process. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v.16, n.2, p. 270–288, 2009.

SARFARAZ, L.; FAGHIH, N.; MAJD, A. A. The relationship between women entrepreneurship and gender equality. **Journal of Global Entrepreneurship Research**, v.4, n.1, p.1-6, 2014.

SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Nova Cultura, 1997.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

VILLAS BOAS, A. **Valor Feminino: desperte a riqueza que há em você** – São Paulo: Ed. Do autor, 2010.

WELSH, D. H. B., et al. Saudi women entrepreneurs: a growing economic segment. **Journal of Business Research**, v. 67, n. 5, p. 758-762, 2014.

WU, Z.A. Second-order gender effects: the case of US small business borrowing cost. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 3, p.443-463, 2012.